

VIVA OLEGARIO

ADONIRAN
Banhu

de
LUIS CARLOS CARDOSO
Direção de
ANTUNES FILHO

- tv cultura -

agosto/77

Personagens:

Diogênio/Olegário

Garçon

1º Freguês... Raul

2º Freguês... Bruno

3º Freguês... Pascoal ADONIRAN

4º Freguês... Gusto

5º Freguês... Alfredo

6º Freguês... Ricardo

Mulher

Localção:

BAR DE BAIRRO e RUA

NOITE

UM BAR MEIO ESCURO, COM UM DOUCEL SENTADO À BORDA DO CANTO. É O GARÇOM QUE ÀS VEZES APARECE VINDO DE FORA. O HOMEM BEBE E CONTA O SEU BIRHEIRO, ENTÃO ENFOSCA OS OLHOS QUE DISTRAIU PELAS BOLSOAS DE POUS DE CONTADOR. ESTÁ MEIO VOLTADO PARA A PAREDE, QUEBRANDO DÍGITS FARCAP. NO PRÓXIMO DÍGITO, O HOMEM CONTINUARÁ, GUARDANDO O QUE RESTA DO BIRHEIRO, MAS POR POCO, SEM QUE O 19 FREGUÊS PAREÇA VER ISSO.

19 FREGUÊS - (ENTRABE ◀). Não! Não acredito! Vejam só: esse sen ven omha, aqui! Olegário! Velho Olegário! Como vai, homem?

HOMEM - Bem...

19 FREGUÊS - Mas é você! Ah! vigarista, ah! Olegário. Um abraço!

HOMEM - Bem...

19 FREGUÊS - Juro: pensei que tu tinha morrido. que tal essa força? Como estás contente!

HOMEM - Também estou, senhor. Não aconteceu...

19 - Faz meia hora, nem meia hora, pensei em você.

H. - O senhor vai me perdoar...

19 - Viva Olegário!

H. - Diogênio, senhor. Diogênio Paiva da Pocha. Um seu criado.

19 - A turma vai dar pulo. É Olegário que volta!

H. - Diogênio, pá! É. O senhor se enganou. Aliás, não é a primeira vez...

19 - Desgraçado... Vigarista!

H. - Isso é elogio, compreendo e agradeço. Mas meu nome é Diogênio.

19 - Que quer dizer Diogênio?

H. - Quer dizer Diogo, minha mãe, já Valerida e senho ra muito honesta, e quer dizer Engano, meu pai.

- H. = homem trabalhador hoje aposentado.
- 19 - Mas, Olegário, tu não vê que sou o Raul? O Raul, Olegário.
- H. - Raul, muito prazer. Tu Diogênio.
- 19 - Que papo mais furado.
- H. - Já sei: o senhor se enganou. Não por culpa sua, quer dizer, não porque o senhor tenha a memória fraca ou a vista miope, nada disso. A verdade verdadeira é que a minha cara é muito comum. Acho que tiraram cópias da minha cara, ou melhor, ela é uma cópia entre outras espalhadas por aí. Por isso todo mundo confunde.
- 19 - Boa piada. Ah, boa piada. Já te recontou, Olegário, sempre gozador.
- H. - Diogênio! O senhor se enganou, não é a primeira vez. Juro. Outro dia um homem veio e me disse: "Como vai, Chiquinho?".
- 19 - Chiquinho? Mais uma das suas. Ah, ah!
- H. - Não é engraçado? "Como vai, Chiquinho?" e eu: "Chiquinho, - não senhor, Diogênio". O senhor se diverte, vê-se que é um homem feliz.
- 19 - Ah, sinto que vão voltar os bons tempos, quando a gente se divertia.
- H. - Eu, pôr meu lado, sinto que o senhor poderá enfiar o bular quando vir que realmente se trata de Diogênio e houve um engano. Já me aconteceu também encontrar o meu primo na rua, dizer: "Como vai, Diego?" e não era Diego nem meu primo, receio até que nem fosse parecido com meu primo Diego, tudo confusão minha! Lhe asseguro que esse engano é muito comum, e não há de quê.
- 19 - Olha: Vamos tomar umas e outras. A turma precisa vir estar aqui. Garçon: traz um troço aí.
- H. - Obrigador. Estou tomando a minha batida de amendoim e depois me vou.

- 19 - Vai? Pra onde? Não, você não sai daqui hoje.
- H. - Saio sim. Se chegasse tarde em casa, o dono do botiquim da esquina diria: "Olha lá o seu Diogênio, andou por aí tomando umas e outras". (PROMUNCIANDO PORTUGUES).
- 19 - Faz vinte minutos, nem isso, eu pensei: "Por onde andará aquele cabalina do Olegário?"
- H. - Deve andar aí pelo vasto mundo, e quem sabe também já lhe perguntaria: Como vai, Chiquinho?"
- 19 - (MUDANDO DE TOM, QUASE DESANIMADO) . Ah! valho não estou te conhecendo.
- H. - É que não sou esse Olegário. Sou Diogênio. Olha: tenho aqui um documento.
- 19 - E? (OLHA A CÍDULA DE IDENTIDADE).
- H. - Aí estão, as coisas afinal se esclarecem. O senhor não precisa ficar chateado. A minha cara é uma barbaridade de comum. Esqueça aí, então, na carteira, oh, que cara lamentável.
- 19 - Muito bem...muito bem...a mesma cara de purquista, de grande safado!
- H. - Tudo o que o senhor quiser e mais outras infelicidades, mas a cara de Diogênio.
- 19 - Muito bem. Então, desculpa, hem?
- H. - Não há de que. Lamento não ser quem o senhor procura.
- 19 - (FORMAL). Com licença, foi um equí...Um equí...
- H. - Equívoco, isso mesmo. Passe bem, senhor. (O 19 dá dois passos para e volta-se).
- 19 - Ah, salafitário, ah, salafra.
- H. - Como assim?
- 19 - Trabalhando bem feito. Um lindo trabalhinho. Arranja uma dessas pra mim? Quero chamar... Roberto

- 19 - Roberto Bivalino. Ah, Olegário, arranja uma carteira fria pra mim.
- H. - Fria?! Não é fria!
- 19 - Um serviço perfeito. (FALA EM BAIXO, EM TOM CONFIDENCIAL. TAMBÉM O HOMEM FAZ A VOZ SEM SENTIR).
- H. - Mas é verdadeira.
- 19 - Me arranja uma, arranja, Olegário. (O GARÇOM SE APROXIMA SEM QUE ELAS PERCEBAM). Por que não fez dinheiro também? Moleza! Você tem as máquinas? (VÊ O GARÇOM E SILENCIA. PAUSA. O GARÇOM SE AFASTA). Ele ou? Cuidado, que esse cara é dedo-duro. Olho nele. (PÕE-SE A VIGIAR O GARÇOM. O HOMEM TAMBÉM SE VOLTA E FICA ATENTO).
- H. - Mas por quê?
- 19 - Isso dá cadeia, se dá!
- H. - Eh, eh, boa piada. Eu, Diogênio Rocha, na cadeia.
- 19 - Psiu! (LEVANTA-SE). Ele vai telefonar.
- H. - Como? O senhor acha...?
- 19 - Daqui a pouco o carrão pára aí e támos na pior. Se te pegam documento falso não sei!
- H. - Ser? Então vamos. (ERGUE-SE). Mas... não é falso. Sou um legítimo Diogênio. Tenho aqui, veja ver, um holerite de pagamento.
- 19 - Bem, tudo calmo. O filho da mãe não telefonou. Mas fica de olho que esse cara não te engana.
- H. - Achei, aqui está. Diogênio eticôtera é tal, escrivão-assistente de administração, referência 38.
- 19 - Onde é isso?
- H. - Isso? Na Fazenda. Secretaria do Estado.
- 19 - É o que tem?

- H. - Trabalha lá.
- 19 - Vai me enganar que tu trabalha pro governo?
- H. - Sim, senhor. Eis a prova.
- 19 - Ah! Salafra. Até isso tu arranjas?
- H. - Faz doze anos, senhor.
- 19 - Como foi que fez pra entrar nessa?
- H. - Um conhecido do meu tio era deputado.
- 19 - Arranja pra mim?
- H. - Não é mais deputado. Meu tio morreu.
- 19 - (TRISTE). Me lembro de um tempo que as coisas de Olegário eram as coisas da gente. Os tios de Olegário eram tios da gente. Agora Olegário é funcionário e os amigos que se danem. Ah, e demais: Olegário, funcionário, escriturário, secretário.
- H. - Mas não sou Olegário, ah! não sou. Sou o Diogênio. Se fosse Olegário, ou Januário, ou Otário, ou o Rebotalho, ou Paspalho, ou Dromedário, muito bem ora viva. Não ia virar assim bestamente um simples Diogênio. Era o caso do senhor de dar umas porradas muito justas, porque eu, sendo outro, escolhi me transformar logo-logo em eu mesmo. Eu Diogênio Paiva da Rocha, 33 anos, funcionário público, casado, um filho, quase dois, a família peço não envie flores. Mas entenda: cada qual com seu destino. Uns nascem manetas, outros pernetas, outros patetas. Eu nasci Diogênio.
- 19 - Tem coisa atrás disso. (PAUSA. DEPOIS, FALANDO EM SUSSURRO). A polícia? Oh! Que enca burro esta minha, como não morri antes? Quase te estroço a vida, compenheiro. Mas por que diabo tu não falou logo? Não fez um sinal? (EM VOZ BEM ALTA). Sen Diogênio...
- H. - Diogênio.
- 19 - foi um equi...

- H. - Equívoco.
- 19 - Foi isso, sen... mil perdões. A gente às vezes se equívoca.
- H. - Equívoca, sim, é claro.
- 19 - A gente, esses babados, coisa e tal, me desculpa, não te conheço, nunca te vi, coisa e tal. (BAIXO). Boa sorte, companheiro. (VAI SENTAR-SE A OUTRA MESA).
- H. - (DEPOIS DE UM INSTANTE). Diogênio mesmo, juro por Deus. (O 19 FAZ UM GESTO DE QUEM COMPREENDE. H. VAI INSISTIR MAS DESISTE. VOLTA-SE PARA A BEBIDA E PULA PARA SI MESMO). Eu devia levantar e ir embora, direto pra casa. Mas, se for, esse senhor nunca terá certeza que realmente se tratava de Diogênio. (BEBE. PAUSA. ENTRA O 29 FREGUÊS, DISTRAÍDO, ACENA PARA O 19, DÁ DOIS PASSOS PARA DENTRO E VÊ H. FICA IMOBILIZADO DE ESPANTO. DEPOIS CAMINHA PARA ELE COMO QUEM NÃO QUER ACREDITAR).
- 29 FREGUÊS - Ora, vejam. Ora vejam. Ora, ora, vejam. (ABRE OS BRAÇOS DEVAGAR E LARGAMENTE). Ora, ora, Olegário!
- H. - (REAGINDO QUASE EM PÂNICO). Diogênio!
- 29 - Olegário! Grande amigo, grande, grande. Olegário, o rei.
- H. - Nunca. Diogênio da Rocha. Faiva da Rocha. Tenho aqui os documentos. (RECBA ENQUANTO O OUTRO AVANÇA).
- 29 - Que saudade, homem!
- H. - O senhor é muito amável. Me chamo Diogênio, às suas ordens.
- 29 - Mas o que houve? (O 19 FOI ATÉ O 29 E O AFASTA PALANCO-LHE AO OUVIDO).
- 29 - É? Claro, entendo. Entendo. Pode deixar.
- H. - Minha cara é a cara de tanta gente! Outro dia

- H. - veio um sujeito, por sinal simpático, e disse:
'Como vai, Chiquinho? 'Ora, na verdade não passo
de Diogênio.
- 29 - Como vai, seu Diogênio?
- H. - Vou bem, obrigado.
- 29 - A família, bem?
- H. - Humm, como Deus manda. A gente nunca pode dizer
que vai bem, bem como queria ir. Minha patroa, coi-
tada, dói tudo nela quando espera bebê. É cáibra,
nelvragia, fígado, enxaqueca, reumatismo, inchaço,
espondilite. Hoje era dia das varizes, sai de ca-
sa com ela na cama, as pernas no travesseiro, não
arrumou a cozinha de ontem e não fez almoço.
- 29 - Um caso sério. O senhor me conhece?
- H. - Não. Não tenho a honra...
- 29 - Bruno.
- H. - Diogênio. (APERTAM AS MÃOS).
- 29 - Fuma? (OPERECE CIGARRO).
- H. - Não. Vim aqui tomar um aperitivo. Não como coisa
pesada desde a janta de ontem e pensei em pedir
uma coxinha. Mas o melhor é mesmo ir comer em ca-
sa. Comer, aí está. Acontece que não tenho apeti-
te e vou ficando fraco. (BEBE). Sou um homem tris-
ta.
- 29 - Gosta de tomar os seus traquinhos, hein?
- H. - Nunca! Ou melhor, às vezes, duas ou três noites
no ano. (CONFIDENCIAL). Hoje é meu aniversário.
- 29 - Ah!
- H. - Verdade.
- 29 - Então... parabéns.
- H. - Obrigação.
- 29 - Muitos anos de vida, saúde pra dar e vender...

H. - 33 anos, sim senhor, a gente vai ficando velho.

29 - Dinheiro no bolso...

H. - Pois é, aconteceu também que o Governo pagou a final uns atrasados, resolvi comemorar tudo junto.

29 - Pagou? O governo paga? Pensei que só a gente pagava pro Governo.

H. - Sou funcionário do Governo. Ele pagou uns atrasados, adicional por tempo de...ah! coisa complicada. Da modo que estou feliz.

29 - (CANTA). "Meito dinheiro no bolso..." Quanto?

H. - Uma bolada regular, eh, eh.

29 - Dá para uma boa farra!

H. - Farra? Nada disso. Haverá despesas com o filho que vem vindo. Minha patroa é um pouco surda. Depois do parto, quem sabe se pode fazer a operação, e aí vai dinheiro, se vai. Quando eu saí hoje da repartição, com a bolada no bolso, parei numa vitrine de relógios e fiquei olhando: esse eu podia comprar e é o mais caro de todos. Por que não comprar então esse outro que é o mais barato? Ou este, quadrado, que se vê no escuro; ou este azul, ou...O meu eu ganhei no Natal, faz vinte anos. Se me lembro. Fomos todos dormir, mas de madrugada levantei e fui ver o sapato no corredor, pé ante pé. Lá estava, este miserô Fanard, que já foi folheado a ouro, caiu um dia no vaso sanitário e saiu funcionando, mas já não vale mais, ah! não vale.

29 - Não vale? Ela é que não vale mais nada.

H. - A verdade é que hoje me sinto sentimental. A vida passa, e já foi boa, muito melhor.

29 - Foi boa, foi ótima, ele diz.

H. - Ela?

- 29 - Ela, Adelaide.
- H. - Adelaide. Conheci uma mulher chamada Adelaide. Foi minha professora de piano. Faz muito tempo. Eu ia lá estudar de Pasard em punho e dava uma volta maior, só para passar na casa dela. Ela? Juliana, meu amor dos quinze anos, um amor como a gente não sente outro, não sente. Ah, não sente.
- 29 - Ela morre de amor.
- H. - Ela?
- 29 - Adelaide.
- H. - Adelaide, coitada.
- 29 - É um trapo de gente. Dá pena ver.
- H. - Adelaide, minha professora, era uma ruiva já cinquentona. Que fim terá levado a Dona Adelaide. Mas, afinal, quem é Adelaide?
- 29 - Quem é o que?
- H. - Adelaide. Será a mesma? Impossível. Já lá vão qu se vinte anos.
- 29 - E de serviço, como vai, seu Diogênio? (O GARÇOM PASSA PERTO)
- H. - Bem, o senhor sabe, a vida de funcionário... Inven^taram uma história de dedicação plena, lá vamos nós às 9 da manhã, com hora e meia de almoço e saída às 6 e meia da tarde. E o que faço nesse tempo? Três cartas que ninguém vai ler e bato carimbo. Sou um carimbador muito bom. Às vezes o público no lado de lá do balcão fica embasbacado. Pois, só com esta mão, bato três carimbos, um aqui, outro aqui, rodando assim.
- 29 - O Augusto acha que ela, se continuar nessa vida, morre ainda este ano.
- H. - Morre? Não diga. A Adelaide?

- 29 - A Adelaide.
- H. - Pobre, pobre mulher.
- 29 - Foi encontrada uma noite destas dormindo na rua, bêbada!
- H. - Por que ela não procura a Polícia Feminina? Ou a Liga das Senhoras Católicas?
- 29 - (ALTO). Então não se trabalha muito lá?
- H. - Lá? Na Secretaria? Uns mais, outros menos, todos menos do que mais. Eu menos do que todos. Mas sou infeliz. Um dia destes procuro o diretor-geral, Dr. Milani, um homem importante a beça que fuma dachimbo e a quem eu apertei a mão no Natal do ano retrasado, e lhe digo: "Doutor, tenho algumas sugestões a fazer, se me permite". Tenho ótimas idéias que, bem consideradas, farão a redenção do funcionalismo inteiro. Afinal, que diabo, não sou de todo desprezível. Olhe aqui, esta mão que bate carimbo podia bem ser a mão de um pianista. Diogênio Paiva interpreta hoje no Municipal o Concerto número 2 para Piano e Orquestra, de Rachmaninoff". Ah, um dia destes procuro o Dr. Milani e lhe digo: "Escute aqui, meu velho, como é que é? Vamos dar um jeito nessa coisa?" Se ele achar ruim que se dane!
- 29 - Bêbada. Largada por aí!
- 19 - (AINDA NA OUTRA MESA). Bêbada.
- H. - Adelaide? Mulher infeliz, oh, caso doloroso. (O GARÇOM PASSA PERTO DE NOVO E O PROPRIO H., ADE- RINDO A CONSPIRAÇÃO, MUDA DE ASSUNTO). Porque vou ser franco com o senhor: minhas sugestões são boas, são ótimas, mas não vai ser aquele - cá entre nós - grandíssimo canalha que vai ligar pra elas. - Então quem vai? Ninguém, aí está a questão. (O GARÇOM SE AFASTOU). Bêbada, então, e

- H. - e largada por si, a boa senhora?
- 29 - bebada, a desgraçada...
- 19 - (DA OUTRA MESA), bebada de cair.
- 29 - Bebada e mala louca. (O GARÇOM PASSA E ELIS JÁ NÃO PROCURAM DISFARÇAR, MAS H. SE DÁ CONTA DA PASSAGEM E FALA ALTO NO QUE MAIS LHE INTERESSA).
- H. - Minha mãe, que tinha sido pianista em solteira, costumava dizer: "Esse menino vai longe". Minha mãe dizia, sim.
- 29 - Pois é. Nós levamos ela pra casa, enfiamos café sem açúcar na boca dela, e quando falou só fez choramingar: "Quero Olegário. Quero o meu Olegário. Vão buscar o meu Olegário".
- H. - E foram?
- 29 - Iam correndo, até a China, se poubessem onde ele se meteu. Mas sabe o que andava dizendo? Que Ricardo, de vingança, assassinou Olegário e deu tuniço no cadáver.
- H. - Barbaridade!
- 29 - Mas agora tudo vai se explicar. Por onde você andou, homem?
- H. - Onde andei? De casa para a repartição, da repartição para casa. Sou Diogênio, senhor, tenho aqui os documentos.
- 29 - (OLHANDO EM TORNO). Ninguém por perto. Por que isso?
- H. - Porque sou Diogênio.
- 29 - Olha, velho; com os amigos a gente deve dizer o que sente. Os amigos de verdade. Eu te estimo, te admiro, quando me falam em você, eu digo: "Quem sabe lá o que aconteceu, ele não dá as suas razões". Mas olha: tem coisa que não dá pé. Primeiro, ela: era uma mulher que todo mundo cobice

29 - va. Quer saber? O Ricardão, que pegava quem que-
ria porque era o Ricardão rei da boca, com ela
entrou pelo caso. Sabia, hein, sabia? Ela, amora
espalhando que estava gamado, chorava quando ou-
via um bofere aí, não lembro qual, pois nem as-
sina. Pra ela só Olegário, homem da sua vida, o
homem. E Olegário some, não diz até logo, nem te
ligo. Primeiro, a Adelaide. Segundo, eu. Sou seu
amigo. Sou amigo de dizer pros outros: "Ele tem
suas razões". E você vem, senta, não diz aos noi-
te, nem te ligo.

19 - (QUE SE APROXIMOU). Tão falando dela?

29 - Dela.

19 - É um trapo de mulher.

GARÇOM - (QUE SE APROXIMOU TAMBÉM). Os senhores, com li-
cença, estão falando da Adelaide?

19 e 29 - Adelaide, pois é. (O GARÇOM ABAIXA A CABEÇA E OS
OUTROS TAMBÉM. PAUSA. AS PALAVRAS SÃO INÚTEIS,
ETC. O GARÇOM SE AFASTA DEVAGAR).

29 - (RESOLUTO). Olegário!

H. - (QUASE NUM SUSSURRO). Diogênio?

29 - Não perdão isso. Isso eu não perdão. Vai me des-
culpar. Pode fazer essas coisas pras suas negas,
faz pra elas. Eu, Bruno Caravetti, não levo desa-
fofo. Vai me desculpar. Passe bem, nunca mais o-
lhe na minha cara. (LEVANTA-SE, SOLENTE, E VAI SE
AFASTANDO ACOMPANHADO PELO OUTRO, QUE O SEGUE ATÉ
A METADE DO CAMINHO. O 19 PARA AÍ, INDECISO).

19 - Mas é o Olegário, Bruno.

H. - (DÉBIL). Diogênio.

29 - Não perdão. Não perdão.

19 - É o Olegário.

29 - Não perdão. Nunca mais. (O 19 VACILA, OLHA PARA
UM E PARA OUTRO, FAZ UM GESTO PARA H. COMO QUEM
QUER DESCULPAR O COMPANHEIRO. AFINAL, VAI SEN-

- 29 - TAR-SE COM O OUTRO, MAS AINDA QUERENDO RECONCILIÁ-
LOS. NISSO, ENTRAM DOIS HOMENS CANTANDO ABRACADOS.
ESTÃO "ALEGRES". VÃO ATÉ O MEIO DA SALA. E AÍ UM
DELES VÊ H. E ESTACA. O OUTRO CONTINUA CANTANDO
ATÉ QUE TAMBÉM VÊ. FICAM PARADOS, DE BOCA ABERTA).
- H. - (LEVANTANDO-SE). Diogênio: Diogênio Paiva da Ro-
cha! Os documentos, aqui. Nem conheço esse Olegá-
rio. A minha cara é que tem culpa. Já me chamaram
Chiquinho.
- 37 - É ele!
- 49 - Ele mesmo!
- H. - Nunca!
- 39 - Ele, afinal!
- 49 - Eu disse que voltava!
- H. - Não passo de Diogênio.
- 39 - Viva Olegário!
- 49 - Viva! (ABRAÇAM H. ELE SE DEBATE, DEPOIS CEDE. MAS
AFINAL, LIVRE, AFASTA-SE VIVAMENTE E APALPA-SE).
- H. - Os senhores são divertidos, eh, eh, (À PARTE). A-
cho que está tudo aqui. (O DINHEIRO).
- 39 - Viu a Adelaide? (SÚBITO CONSTERNAMENTO: O CASO
É DOLOROSO DE MAIS).
- H. - Não... Para dizer a verdade, senhores, a simpatia
é geral, muito amáveis, mesmo, mas eu me chamo
Diogênio.
- 29 - (DA OUTRA MESA). Não te perdão. Isso não perdão.
- 19 - Mas, Bruno, olha lá: é o Olegário.
- 39 - Uai, que houve?
- 29 - Tem coisa que a gente não perdoo pra mãe da gen-
te, até. Pessoal, ele ficou rico, virou emprega-

- 29 - do do Governo e agora bota banca. Nunca te viu, Gusto, nem te viu, Pastéis, nem eu nem o Raul.
- H. - Nunca vi.
- 39 - Mas que onda é essa?
- 19 - (DA OUTRA MESA, MAS COMO SE SEGRELASSE PARA OS OUTROS DOIS). Tá fugindo da polícia.
- 39 e 49 - É? Psiu! O carrão anda por aí. Olha o garçon, é dedo duro!
- 19 - Ou ficou louco, louco, Olegário endoidou. (TODOS OLHAM DESCONFIADOS PARA H).
- H. - Senhores, entendam: nem criminoso, nem doido, nem orgulhoso, nem rico. Empregado do Governo, vá lá, mas referência 38, 900 mil com dedicação plena. Achar muito? Lhes juro que não dá. Meu filho quer um robô, diz: "Papai, me dá um robô no meu aniversário?" Não dou não, não tenho com que. Agora tenho 7. Tenho nada, vem outro aí, minha patroa sofre do ouvido. Eu lhe digo pau, ela entende pedra. Eis um calo aqui de bater carimbo. Mas não posso dar um concerto no Municipal: Sinfonia dos Três Carimbos com uma Sô Mão, Rolando Assim.
- 39 - É. Endoidou, coitado.
- H. - Esse...esse Olegário, figura interessante, fez uma mulher morrer de amor e tem tantos amigos...Mas eu sou Diogênio!
- 49 - Endoidou. Doido varrido.
- 39 - Já sei: ele quer fugir assim da Adelaide.
- 49 - Do Ricardão!
- 29 - Do Ricardão, isso!
- 39 - Ele anda por aí, sinistro, sai só de noite, o ru-
lherio tem medo. Ele diz: "Sou um monstro!"
- 49 - Um monstro!
- 39 - Um ar tão esquisito, tão assassino! E foi o Ri-

- 39 - cardão falado, o Ricardão boa pinta.
- 19 - Endoidou.
- 49 - Esse endoidou, não tem duvida.
- H. - (SEM SABER SE PALAM AINDA DELE MESMO OU DO OUTRO). Ele?
- 49 - O Ricardão. Tinha uma cara bonita, apesar de homem não ser bonito.
- 39 - Tinha uma cara de galã. Ricardão, o pintoso.
- 19 - E tu desgraçou com a cara bonita dele, ô Olegário. Tu botou nele uma cicatriz de dar medo, apesar de eu não ter medo de homem. Tu desgraçou com a vida dele. Uma cicatriz medonha.
- H. - Senhores, pelo amor de Deus. Não espalhem essas coisas. Se alguém aí escuta, esse garçon... pode dar denúncia. Acabam me demitindo a bem do serviço público. Sei que não sou nada, mas também não sou um monstro, nem um fazedor de monstro. Nem um Olegário.
- 39 - Ta peço: não fala mal do antigo Olegário.
- 29 - Ele era grande.
- 49 - Um grande homem.
- 19 - O maior homem do mundo.
- GARÇOM - (QUE VAI PASSANDO). Os senhores falam do Olegário? (OS OUTROS FAZEM QUE SIM). Não conheci, mas todo mundo diz que era um cara formidável.
- 39 - Um cara fabuloso.
- 49 - Grande, grande.
- H. - Um cara espetacular, quem sabe. Mas que certamente não haveria de ir muito com a minha cara, esta cara tão monótona de Chiquinho para uns, talvez Bê da Silva para outros, e apenas Diogênio para tantos mais que me olham e bocejam. (ENQUAN-

- H. - TO ELE FALA, A PORTA ABRIU-SE E APARECEU UMA MULHER MAL ARRUMADA. ELA FARA, DEPOIS DE ALGUNS PASSOS, PARA DE NOVO E ASSUMIU UMA EXPRESSION MUITO DÓCIL. SÓ ENTÃO H., DEPOIS DE ESTABELEER O SILÊNCIO QUE SE FEZ, A DESCOBRE. ELAS SE OLIAM UM INSTANTE).
- Mulher - Você não devia, não devia, oh! Não devia ter feito aquilo... meu amor.
- H. - (PARA OS OUTROS) Adelaide? (PARA ELA) Aqui, Diogênio, sim senhora.
- M. - Tenho sofrido tanto!
- H. - Deixe pegar os documentos. (REMEXE NOS BOLSOS).
- M. - Tanto, tanto, mas tanto (H. TIRA DO BOLSO UM MAÇO DE NOTAS QUE CAEM. PÔE-SE A RECOLHE-LAS). Deus! Você roubou alguém? Meu amor, você roubou?
- H. - O Governo... uns atrasados. Não falta nenhuma? (OLHA EM TORNO)
- M. - Se foge da polícia, venha comigo. Mas venha logo. Não faço perguntas, faço muito carinho. Venha, oh! venha! (H. CAMINHOU PARA A PORTA, EM PÂNICO)
- H. - São todos simpáticos... muito mesmo. (M. AJOELHA-SE IMPLORANDO, FICA DEBRUÇADA AOS PÉS DE H. OS OUTROS NÃO SE MOVEM. E. ENTRA DO BAR. PAUSA. E VOLTA) Sou um funcionário. Minha mulher é surda. Veio um sujeito e disse: "Como vai, Chiquinho?" Achar que posso tirar daqui um robô para meu filho? (BATE NO PALETÓ). Carinho/papéis, requerimentos, rodando assim, mas direi ao chefe, um dia cesses. "Quero e posso fazer alguma coisa que preste" Não sou esse grande cara Olegário. Sou Diogênio P. da Rocha e bato carimbos. Os senhores entendem? Tenho um calo aqui.
- 29 - Tinha piedade dessa mulher.
- M. - (JACDA NO CHÃO). Só peço quinze minutos. Só quinze. Me deixa olhar pra você, depois vá embora.

- 19
- M. - nunca mais volte, ou volte quando quiser. Hoje, quinze minutos, meu amor... amor de minha vida. (CHORA BAIXINHO).
- H. - Oh! (SENTA-SE). Será efeito da bebida? Eles têm tanta certeza! Essa mulher, como me ama, ou como ama o outro! É um sonho bem esquisito. Ou, na verdade, eu desperto? (BEBISCA-SE). Ou sonhei que era esse pai de família, esse pobre marido funcionário? (TIRA A IDENTIDADE DO BOLSO E OLHA-A). Mas aqui diz que... Ainda não despertei completamente, pois leio Diogênio. Que nome: Diocênio! Essa mulher me ama perdidamente. Pobre, pobre infeliz. (ACARICIA A CABEÇA DE M., QUE PARA DE CHORAR. H. COMEÇA A RIR BAIXINHO).
- 19 - Gente, o que ele tem?
- 39 - Um jeito estranho...
- 19 - Endoidou de vez.
- 29 - Doído sem remédio.
- H. - Eh! eh! Enganei todo mundo.
- 29 - Que houve?
- H. - Estão com cara de palermas.
- M. - (ENCANTADA) Você acha?
- H. - Cara de otário. Eh! eh!
- 29 - Não se ri assim dos amigos.
- H. - (APONTANDO O 29) Esse, então, que otário!
- 29 - Essas coisas não se faz.
- H. - Pessoal, me chamo Olegário, não endoidel, pelo contrário. Me chamo Olegário.
- 19 - Nossa, homem donde tu tirou uma idéia dessa?
- H. - Pensei: vamos ver se esses ingratos esqueceram de mim.

- 29 - Brincadeira tem limite.
- 19 - É o Olegário, Bruno.
- H. - [EM OUTRO TOM]. É o Olegário!
- H. - [APONTANDO O 29]. Olhem só a cara dele. (TODOS RIEM, NUM DESABAFO):

TODOS, MENOS O GARÇOM E O 29: VIVA OLEGÁRIO! É ELE QUE VOLTA. MAS É ELE, BRUNO, FOI OUTRA PIADA, ENTÃO? ESSE OLEGÁRIO! O VELHO OLEGÁRIO, DE VOLTA E EM FORMA. GARÇOM: ESSE AÍ É O OLEGÁRIO! ^{ESSE OLEGÁRIO!} MM. se afasta e vai para um canto, ajoelha-se e reza em agradecimento. O 29 se afastou para outro canto: está emburrado. H. destaca-se dos outros e dirige-se ao 29).

- H. - Ei, bicho, toque aqui. (ESTENDE-LHE A MÃO).
- 29 - Não quero conversa.
- H. - Toque aqui, vá.
- 29 - Não sei. Acho que isso não foi ³⁵vingício.
- H. - E que mais, então? A Adelaide? Fugir dela?
- 29 - Não sei. A Adelaide, o Ricardão. Mas o que mais doeu foi ver um amigo tratar a gente assim.
- H. - Toque aqui. (APERTAM-SE AS MÃOS). Isso é que é. Escute: vocês, nós, levamos uma vida tão livre, tão sem ligar pras coisas deste mundo, que eu pensei: o que pode haver de mais contrário a essa vida livre? E descobri que o contrário se chama Diogênio, filho de Dione e Eugênio, marido de uma boa e dolorida surdinha, pai de um garoto que sonha com robôs, foguetes, autoramas, esses brinquedos para os filhos dos que vencem na vida. Diogênio, funcionário público, bate-dor de carimbo, tem uma paixõezinha tímida pela Regina Helena, secretária do chefe, e espera um dia ser lembrado pelos homens que mandam, ser chamado a dar opinião sobre a melhor forma de administrar a máquina do Estado. Pois sim. Foi

- H. - O que eu pensei, e assim esse Diogênio, pobre-diabo, é filho da minha imaginação. Que tal?
- 29 - Essa figura já me encheu.
- H. - E eu então? Estou que mal me aguento sem vomitar quando penso nele. Mas escute: não é tão ruim como você julga. Qualquer coisa nesse Diogênio se poderia aproveitar. Quem sabe não será um pianista que não aprendeu piano? Me diga uma coisa: se o Pelé tivesse nascido cem anos antes, o que seria? Capataz na sensala? Frustrado e rebelde? Eis aí: Diogênio talvez seja um talento enorme para uma arte que não foi ainda inventada. Mas... paz à sua alma. (O GESTO DE H. CORRESPONDE À REZA DE M.) Senão, somos dois que vão vomitar. Veja aquela mulher: é uma atriz de péssimo gosto.
- 29 - Você não gosta dela. Por que então não diz de uma vez pra ela?
- H. - Mas eu gosto. Como poderia não gostar, se ela gosta tanto de mim?
- 29 - Olha como ela te olha. (H. FAZ-LHE UM SINAL. ELA ESTENDE-LHE OS BRAÇOS). Você ainda é o Olegário de sempre? O mulherio costumava dizer, outro dia mesmo a Vanda Carolina me disse: "O Olegário, sim, é que era bom!"
- H. - Ela disse?
- 29 - Disse; depois que eu fiz uma bruta força, ela me jogou isso na cara.
- H. - Ah, a Vandinha! Ela também era bem boa.
- 29 - Mais respeito: é minha mulher, agora. Diz que me ama.
- H. - A Vandinha? Excelente menina. (OS OUTROS, NESSE TEMPO, ARRUMARAM ALGUMAS MESAS PARA A COMEMORAÇÃO

- H. - CONJUNTA). Pessoal: a despesa hoje é por minha conta. Peçam o que quiserem menos uísque estrangeiro, é claro. (HÁ UMA ALGAZARRA, DE QUE O GARÇON TAMBÉM PARTICIPA. ELES FAZEM OS SEUS PEDIDOS: UÍSQUE, GELO, CONHAQUE, CERVEJA, GRITANDO AS MARCAS E ACABANDO DE ARRUMAR AS MESAS. H. SENTA-SE À PARTE COM M. E FICAM NUMA CONVERSA DE NAMORADOS QUE NO ENTANTO NÃO TEM A ADEÇÃO PLENA DELE. NÃO CHEGAM A BEIJAR-SE. ÀS VEZES O BARULHO DOS OUTROS DIMINUI E A PALA MAIS ALTA DELES SE FAZ OUVIR).
- M. - Não me abandone nunca mais. Promete?
- H. - Não prometo. Sou Olegário, aventureiro de sete mares. Tudo o que é rotina me horroriza. Você pensou que eu ia montar casa e casar na igreja?
- M. - Ah, não pensei. Mas seria tão lindo!
- H. - Isso não prometo. Quem sabe um dia, quando me sentir envelhecendo, hoje não.
- M. - Mas como, se você já é casado?
- H. - Não sou, que é isso?
- M. - Esse anel aí.
- H. - Este? É verdade. (TIRA O ANEL. M. TOMA-O E SE PÕE A EXAMINÁ-LO).
- M. - Amélia. Ela chama Amélia?
- H. - Não: é Amalia. Uma história complicada. Mãe meti com uma rapariga em Portugal e me fizeram casar, o pai dela apontando o trabuco durante a cerimônia. Fiquei uma semana com a rapariga e depois dei o fora. É Imália e não Amélia.
- M. - Fale dela. Era melhor do que eu?
- H. - Você é única. Ela era um pouco surda, muito mãe do filho dela. Mãe dedicada mesmo, fazia economia, dizia pra mim: "Um dia as coisas melhoram". É uma boa mulher, e o filho também é um bom meni

- H. - no, mas agora não quero saber deles.
- M. - Filho? Você casou com o filho já nascido?
- H. - Como assim? Ah! claro. Já nascido. Então o sogro tomou do trabuco e disse: "Agora tu casar ou morrer". (PRONUNCIA DE PORTUGUÊS). Casei-me. (PRONUNCIA AINDA).
- M. - É uma história triste. Se ela era boa, por que você foi embora?
- H. - Por quê? Por quê? Porque, afinal, sou Olegário ou não sou? Esteja certa: amanhã vou partir, ou depois de amanhã, e talvez não lhe diga adeus. Procuro outro amor na Mandchúria, no Paquistão, no Casaquistão.
- M. - Oh! e eu certamente morrerai.
- H. - Não. Você viverá, esperando a minha volta.
- M. - E quando voltar, será por um dia só... (ALEGRE). Eu viverei, sim.
- H. - Garçon: faz uns sanduíches, tenho fome. Não precisa economizar: hoje é festa e eu pago tudo. Por falar nisso, é meu aniversário, também. (OS OUTROS COMEÇAM A CANTAR "PARABÉNS A VOCÊ").
- M. - Isso é que não. Seu aniversário é em 14 de outubro. Não havia de lembrar, logo eu?
- H. - Não é que você tem razão? Então vamos fazer de conta que eu nasci hoje, agora, reencontrando vocês. Não é comemoração de nascimento; é o próprio nascimento. Nasci de novo e a festa tem que ser uma grande festa.
- TODOS - Isso! Olegário nasceu, vejam só. Ah! Ah! é outra piada dele. Garçon: traz todas as coxinhas da casa, e sanduíches. Olegário diz que paga.
- H. - Pago. Manda vir. Tenho uma fome tremenda. Mas vamos, mulher, enxugue essas lágrimas.
- M. - Juro que são de alegria. Agora são. Babe? às ve-

- M. - Ses eu acordava durante a noite e chorava baixinho até de manhã.
- H. - Também tive saudades.
- M. - Fico feliz de saber que uma vez ou outra você lembrou de mim. A vida tem momentos tão lindos! (DURANTE A CONVERSA ENTROU NO BAR O 59 HOMEM, QUE POR INSTANTES FICOU OLHANDO OS DEMAIS E AFINAL DESCOBRIU H., QUASE DE COSTAS PARA ELE. DIRIGE-SE A H. E BATE-LHE NO OMBRO).
- 59 - Ei. Alô, Diogênio.
- H. - (DEPOIS DE LIGEIRO SUSTO). Falou comigo?
- 59 - Lógico! Com quem mais...
- H. - Meu nome é Olegário.
- 59 - Olé o que?
- H. - Olegário. E estou ocupado, como vê.
- 59 - Vejo e não acredito. Bem, seu Olegário, então me vou. O senhor nunca me viu antes, não?
- H. - Nunca.
- 59 - Oh, Oh! Realmente. Eu também não conheço o senhor Perdão. Com sua licença... (VAI SENTAR A ÚNICA MESA QUE SOBROU, MURMURANDO: "QUEM DIRIA? QUEM DIRIA?").
- M. - (QUERENDO CONTINUAR A CONVERSA INTERROMPIDA). Eu envelheci muito, querido?
- H. - Um pouco sô. Está é maltratada. Garanto que amanhã já acorda bela como sempre. Pela segunda vez nesta semana me confundem com esse indivíduo. Outro dia veio um sujeito e disse: "Como vai, Diogênio?"
- M. - Deixa pra lá. Você voltou e eu quero que seja o Olegário todo meu, ao menos esta noite.
- H. - (LEVANTANDO-SE). Volto já. (VAI ATÉ O 59 HOMEM).

- H. - Ei, moço.
- 59 - Falou comigo? As suas ordens, Doutor Olegário.
- H. - Dê o fora.
- 59 - Como assim?
- H. - Dê o fora. JÁ.
- 59 - Olha como fala. Se te atrapalho, vou embora, mas não desse jeito.
- H. - Quem é você?
- 59 - Eu? Atualmente... (BOLAR). Mas já fui também o Alfredo, chefe de um setor na Secretaria da Fazenda. Ali trabalhava um coisinho chamado Diogênio da Rocha, que vou te contar. É a cara do senhor, doutor.
- H. - Isso aconteceu.
- 59 - (SEGREDANDO). Velho, não me aguento mais, daqui a pouco estouro de rir. Vou antes dar o fora. (LEVANTA-SE).
- H. - Espere aí. (OS OUTROS TODOS PARARAM E OLHAM A CENA) Não vou com a tua cara.
- 59 - Olha lá como fala, Diogênio. Quer se bacanear, é?
- H. - Diz pra eles que foi um equívoco, que você pede desculpas e vai embora.
- 59 - Essa é boa! Pessoal, foi um equívoco, vocês sabem o que é um equívoco? Foi isso. Acontece que lá onde eu trabalho tem um cara parecido com o Doutor Olegário aí, então eu vi o doutor e pensei: "Vou lá farrear também, porque com essa gente boa me dou melhor do que o Diogênio". Diogênio é o cara, mas datilógrafo mas bom carimbador.
- H. - Muito bem. Agora pede desculpas e cai fora.
- 59 - Mil perdões. Vejo que não é o Diogênio, mas quem sabe um irmão gêmeo dele.

- H. - Não tenho irmão. Se tivesse, não seria um reles empregado do Governo. Eu não deixaria.
- 59 - Beles-empregado é o que ele é. Mando nele e amanhã vamos ajustar contas.
- H. - Muito bem. Agora, fora.
- 59 - Pera lá. Ninguém manda em mim. Pessoal, me chamam Alfredo, sou funcionário, sim, mas sou como vocês também. Gosto da vida noturna, gosto de farra da pesada, toco violão e canto. Canto Mulheres: já andei com oito funcionárias da Secretaria e estou a fim de outras quatro. Se querem saber eu conto.
- 19 - Cai fora, pé-de-chinelo.
- 29 - Não ouviu o que o Olegário disse?
- M. - Moço, faça o favor de ir embora. Vai.
- 59 - Vou dizendo uma coisa, dona. Esse coisinha aí é cheio de nhê-nhê-nhê, hem? Não toma café nas xícaras dos outros, lava a mão pra fazer qualquer coisa. Se a senhora espera uma farra pra valer, não conte com ele. Ele escova a boca depois de sanduíche. Outro dia... (H. LHE DÁ UMA BOPETADA. O 59 PULA PARA TRÁS). Ah, é assim?
- H. - Raul, Bruno, bota ele pra fora, (OS OUTROS AVANÇAM).
- 59 - Ei, pessoal, esperem aí. Esse é o Diogênio, a gente manda nele lá. Eu sou o Alfredo, já transei com oito funcionárias, seis delas casadas, uma delas ayô. Transei com a Regina Helena, secretária do chefe, uma belezinha gostosinha! Sabia disso, Diogênio?
- H. - Fora! (OS OUTROS QUATRO AGARRAM O 59 E O VÃO LEVANDO AERASTADO). Rua!
- 59 - É o Diogênio. Eu, o Alfredo. Sai com a Regina Helena - três vezes e a semana que vem tem mais. É o Diogênio, que escova o dente... (SAEM OS CINCO).

- M. - Oh, meu amor, essas coisas são feias numa hora tão bonita.
- H. - Que animal! (OUVEM-SE AINDA OS GRITOS DO 59: "DIOGÊNIO! - DIOGÊNIO!" OS OUTROS QUATRO VOLTAM).
- 39 - Uf! Que cavalão!
- 29 - Eu pensei que ele ia fazer aquilo
- 39 - Aquilo, pois é. Também pensei.
- 19 - Eu tava de olho nos copos.
- M. - Gente, aquele senhor foi embora, nichou e assaltou. Não quero saber das coisas ruins que podiam acontecer.
- H. - Se ele não caísse fora, iam acontecer coisas bem ruins, não tem dúvida.
- 49 - Me diz: você ia rosquear o copo quebrado no focinho dele?
- H. - Talvez...
- M. - Que horror! Parem com isso. Pra dizer a verdade, tudo que aconteceu antes, nos bons tempos, eu lembro com saudade. Mas não aquilo. Foi triste demais.
- 19 - É, o Ricardão se ferrou de verde e amarelo.
- O GARÇOM - Senhores, eu queria avisar que brigas aqui dentro não são permitidas.
- 19 - Ei! Tu é bem dedo-duro, heim.
- O GARÇOM - Não é isso...
- 39 - Olegário, rosqueia o copo na cara dele.
- 19 - Boa idéia. Rosqueia, Olegário. (DÁ-LHE UM COPO E PEGA OUTRO). Senhores, é assim. (QUEBRA O COPO, COM CUIDADO, NA BEIRADA DA MESA E DEPOIS VEM CHEGANDO PARA O LADO DO GARÇOM). Lembra que você chamou o carrão e levaram o Pastéis? Dedo-duro! Ca-

- 19 - Gteta!
- O GARÇOM - Vou avisando: quem manda aqui, quando o Seu Pereira não está, sou eu. Boto os senhores para fora. Chamo a polícia, se for preciso.
- 19 - Chama nada, caguetaz. Vou fazer na tua cara o que o Diógário fez no Ricardão.
- 39 - Ai, machão. Põe a mão no chão.
- M. - Chega! Parem já. Seu Silvino, desculpa, estão brincando com o senhor. (TODOS RIEM).
- 39 - O tipo ficou amarelo.
- 49 - Vai desmaiar.
- O GARÇOM - Não tenho medo de cara feia.
- 19 - Ai, ai, bruto.
- H. - Hoje é dia de festa. Seu garçon, a gente estava brincando. Vamos comer e beber. Tenho fome, tenho sede.
- TODOS - Eu também. E eu, então? Eh! garçon, deixa pra lá. Abre o champanhe, o uísque. Quero cerveja. Mas então é tudo por conta do Olegário?
- H. - Por minha conta, isso mesmo. (O 19 DEIXA O COPO SOBRE A ÚNICA MESA VAGA. TODOS VÃO SENTANDO, H. E H. NO CENTRO).
- 49 - Olha, vocês podem não acreditar, mas quando me lembro daquela vez começo a rir sozinho. Acho engraçado, e daí? O Olegário falou: "Eh! Ricardão. Tá se bacaneando, é? Vê se te manca". E o Ricardão, o bonitão das damas: "Aqui eu mando. Sou o Ricardão falado". Então, o Olegário, foi engraçado, pegou o copo, calmo, calmo...
- M. - Mas será possível? Esse assunto de novo!
- 29 - Coitado do focinho bonito dele. E dizer que era o galã mais famoso.
- 39 - Coitado, que sangueira. "Sou um monstro, sou um

- 39 - "monstro".
- 29 - Olegário, diz uma coisa: você sabia que o Ricardo gostava da Adelaide? Ela contou?
- M. - Eu nunca contei.
- H. - Não contou. Mas eu sabia. Vou ser franco com vocês. Não gosto desse assunto. Eu sabia, e tinha ciúmes. Mas se fosse hoje não castigaria o coitado daquela maneira.
- M. - Meu querido, então você fez aquilo por ciúme, por amor? Oh! Como eu te amo! (O 19 FAZ A MÍMICA DE QUEBRAR O COPO E ROSQUEÁ-LO NA CARA DO 39)
- 39 - "Sou um monstro, sou um monstro".
- M. - Mas não é preciso ter ciúme. Sou sua, pra sempre. Eu é que tenho tanto ciúme! Ai, se tenho! Olegário, minha vida, por onde você andou, o ^{voce} que fez, Olegário, enquanto eu morria aqui?
- 19 - Isso, conta pra gente o que tu andou fazendo.
- H. - Eu? Por aí. Por esse mundo. Estive em Portugal...
- M. - Isso você já contou. Depois...depois...
- H. - Depois, saber ^{para} onde eu fui? Nem? Nem?
- 39 - Bahia.
- 29 - Paris. Cabarês, boates.
- 49 - Vietnam.
- H. - África.
- 19 - África?
- H. - África.
- 39 - É longe a África?
- H. - Do outro lado do oceano.
- 29 - Tem leões, muitos leões.
- H. - Fiz um safari.

- 39 - Um quê?
- H. - Uma caçada. Lá fomos, eu, o guia, dez negros, um inglês e a mulher do inglês.
- 19 - Manjo disso. Viu Tarzã?
- 39 - Mas que Tarzã, que nada, Paul. Tarzã é cinema.
- 19 - Dessa coisa eu manjo.
- H. - A mulher de inglês gostou de mim.
- M. - Era velha, feia.
- H. - Era loira, linda. Mas o marido tinha o dinheiro, o prestígio. Então ela queria errar o tiro no leão e acertar o marido, voltando comigo viúva e rica.
- TODOS - Ah, ah. Ela quis errar o tiro? E errou?
- H. - Quis errar. Um dia o inglês estava de costas, ao lado do guia, era uma tarde bellissima, como só a África tem iguais. Mildred, era o nome da inglesa, Mildred apontou o rifle, mirando a nuca do homem, e disse, sem desviar o olho: "Uma palavra sua, e eu puxo o gatilho. Uma palavra, meu querido, e atiro". (APONTA PARA A PORTA. AÍ APARECE UM HOMEM ALTO E FORTE, COM O ROSTO OCULTO PELA GOLA DO PALETÓ. SILÊNCIO).
- M. - Oh! Meu querido. Atira. (H. CONTINUA APONTANDO UM TEMPO. O HOMEM FICA PARADO, DEPOIS DÁ DOIS PASSOS PARA DENTRO. H. DESFAZ O GESTO).
- 69 FREGUÊS - Olegário! Eu sou um monstro.
- M. - Vai embora, Ricardão.
- 69 - Sou um monstro, Olegário.
- M. - Vai embora. (H. OLHA EM TORNO, FIXANDO CADA COMPANHHEIRO. VAI ENCOLHENDO-SE, APROXIMANDO, CONFORME VÊ NELES QUE NÃO VÃO FAZER NADA. O 69 DESCOBRE NA MESA O COPO QUEBRADO, PEGA-O. ENTÃO OS OUTROS

- H. - TODOS, INCLUSIVE O GARÇOM, SE AFASTAM VIVAMENTE, DEIXANDO H. e M. SOZINHOS).
- E. - (LÁBIL). Mas... houve um engano! Meu nome é Diogênio. Tenho aqui os documentos.
- M. - (LEVANTANDO-SE E EMPRETIANDO O 69). Ele voltou em paz, Ricardão. Voltou pra mim. Vai embora.
- 69 - Sou um monstro, Olegário.
- M. - Não toca nele, que eu te mato. Juro que mato. Foca bo com tua vida.
- 69 - Sou um monstro.
- H. - Ele é o meu amor. (VOLTA-SE E ABRÇA H. RICARDÃO DÁ OUTRO PASSO COM O COPO NA MÃO. H. LIVRA-SE DO ABRACO E FICA NA FRENTE DE RICARDÃO).
- H. - Sou Olegário. Sou Olegário e não tenho medo de ninguém. Ah! Ricardão. Tua cara vai ficar pior. A tua cara, Ricardão, vai ficar com uma orelha só, e metade do nariz, e caolho e zabolho. (DÁ UM PASSO À FRENTE). Não tenho medo de ninguém...
- 69 - Sou um...
- H. - Nem de monstro! Você é que sabe: vamos brigar até o fim, quem sobrar vivo ganha. Você de copo, eu sem nada. (DÁ OUTRO PASSO). Olha, Ricardão: sei lutar caratê, sou faixa preta de judô, gachei na praia um campeonato de rabo-de-arraia, parrada é comigo. Sou o bom na casoeira e diziam de mim, nos meus tempos de peso-galo na Academia dos Jofres: - ele pega como um pesado! (A CADA ENUNCIADO DE MODALIDADE - DE LUTA, H. FAZ OS GESTOS CORRESPONDENTES. NO FIM, O 69 JÁ SE MOVIMENTA COMO QUEM LEVA EM CONTA ISSO TUDO). Fui campeão de tanta coisa: O que é que Olegário não foi? (AGARRA O 69 E O EMPURRA. ELE VAI CAIR LONGE, LARGANDO O COPO). Então?
- 69 - (NO CHÃO). Não quero briga. (LEVANTA-SE PENOSAMENTE E CAI SENTADO NA CADEIRA DA MESA À PARTE, DES

- 69 - MORALIZADO. HÁ UM ALÍVIO GERAL. OUVI-SE ENTÃO O VOZ DO 59 FREGUÊS, FORA DE CENA).
- VOZ DO 59 - É o Diogênio! Diogênio, escova o dente. Amanhã você vai ver, Diogênio. (H. FICA SURPRESO UM INSTANTE E DEPOIS VAI CORRENDO PARA A PORTA. SAI DE CENA; VOLTA, RECOMPONDO-SE TODO VALENTÃO).
- H. - Ah, se deito a mão nesse lazarento! (DÁ OUTRA OLHADA PARA FORA E VAI SENTAR. TODOS RETOMAM SEUS LUGARES). Se for preciso, quebro a cara dos inimigos do Olegário e dos inimigos do Diogênio, um de cada vez ou todos juntos. Tenho dito.
- O GARÇOM - (MUITO MANEIROSO). Cavalheiro, por favor, brigas não são permitidas neste estabelecimento. (LEVA UMA GRANDE VAIA DE TODOS E NÃO PROTESTA).
- 49 - Viu, Pastéis, viu?
- 39 - Viu o quê?
- 49 - Olegário, o Pastéis disse que foi covardia você rosquear o copo na cara do Ricardão. Era um arma do de copo contra outro sem arma. E agora, Pastéis?
- 39 - Eu não disse nada.
- 49 - Disse, outro dia, lá no Bola Sete.
- 39 - Não disse. Não disse, Olegário.
- M. - Por favor, pelo amor de Deus, por tudo quanto é sagrado, não falem mais nesse assunto.
- H. - Mas a festa acabou? Vamos beber, vamos comer, tenho uma fome danada.
- M. - Meu querido, como eu admiro você!
- H. - Ao seu lado sinto-me forte, muito forte. Sou capaz de grandes proezas.
- M. - É uma noite maravilhosa.

- H. - Será uma noite inesquecível. Apóie a cabeça no meu ombro. Assim. Então, senhores, de que estávamos falando, antes?
- 19 - Quando?
- H. - Agora mesmo.
- 19 - Não lembro.
- 29 - Da leões, da África.
- 39 - De marido matado.
- M. - Da inglesa, que era loira e linda, ai! pobre de mim.
- H. - Me encheu, a inglesa. Uma noite, para me livrar do amor desvairado daquela mulher, fugi do apartamento enquanto todos dormiam e caminhei pela selva até a cidade mais próxima. Matei na viagem dois rinocerontes e duas cobras. Ruim mesmo são os mosquitos de noite, no calor senegalesco. Senegalesco!
- M. - E nunca mais viu a inglesa?
- H. - Nunca. Quem sabe, um dia destes, lhe faço uma visita em Londres. (DESIGNANDO RICARDÃO). Tenho pena desse coitado.
- 29 - Dele?
- H. - É muito infeliz.
- 39 - Isso é.
- 49 - Bem feito. Vivia se bacaneando.
- H. - De qualquer forma, ele sofre agora.
- 29 - Sofre. Ninguém nunca viu a cicatriz dele.
- 39 - Quando procura^{as} mulheres, de noite, faz questão de ser tudo no escuro.
- 29 - Elas é que fazem questão.

- M. - E não beija, o desgraçado, porque tem a boca torta.
- 29 - Se beija, beija o nariz da mulher junto com a boca.
- M. - Também não é tanto assim.
- H. - Não façam piada. Ponha-se no lugar dele: um homem cheio de qualidades, de repente feito monstro.
- 49 - Qualidade? Vivia se bacaneando.
- 39 - Ele era bonito. E as mulheres gostavam dele.
- 19 - A Adelaide não gostou.
- H. - Era bonito, sim. Mas não gostei dele porque meu homem era outro.
- H. - Pensem bem: ele, bonito, acostumado com a idéia de ser bonito, com o orgulho de ser bonito, de repente monstro. Ihes digo uma coisa muito importante: está cheio de gente assim. São belos, e no entanto, alguém, ou ninguém, a vida, o mundo, sei lá, faz deles pobres monstros.
- 49 - Acho bem feito. Se o cara se bacaneia e se ferra, é castigo de Deus.
- H. - Vão lá, vocês dois, ou vou eu - por que não? - convidar o coitado pra comer aqui.
- 29 - Não adianta, ah! Não adianta. Ele não vem.
- H. - Mas vai viver assim sempre nos cantos, no escuro?
- 29 - Dizem que faz de aleijado e pede dinheiro na rua, e guarda, vai guardando. Quando juntar bastante, faz a operação.
- 19 - Conserta a cara, isso mesmo.
- M. - Tem um médico que cobra muito, mas põe o freguês de novo bonito.

- H. - Tomara que um dia ele volte a ser o Ricardão falado.
- 39 - Isola! Assim tá bom.
- 49 - Pra se bacanear e encher a gente? Não, assim tá bom.
- 29 - É, que fique assim.
- 19 - Que se dane todo!
- M. - Eu não me importo. Tenho o meu homem, os outros que se viram, Ricardão bonito ou monstro, tanto dá.
- 49 - (VOLTANDO-SE PARA O 69). Viu, Ricardão? A gente tá aqui, falando de você, como ^{voce} era lindo antes, seu gostosão, e o monstro que é agora. É a vida, Ricardão.
- 39 - A gente tava falando das mulheres que gostavam de você e hoje morrem de medo, ou de nojo.
- 49 - De nojo, isso. A Mariuzinha disse que tem nojo, a Sueli não topa, a Vandinha aguenta, mas depois vomita.
- 29 - Eu já proibi a Vandinha de falar com ele. Faz mal pra ela. (RICARDÃO FICA CADA VEZ MAIS DEPRIMIDO).
- 19 - Tem mina que foge dele como se fosse o carrão.
- 39 - Ricardão, você é um monstro!
- H. - (MUITO MUDADO). Não, não, não, não.
- 29 - O que é que não?
- H. - Não, não, não.
- 49 - Gente, o que é que ele tem?
- 19 - Tá diferente...
- M. - Meu amor, alguma coisa dói?

- H. - Não, não dói. Ou malhar, dói, aí, dói.
- 49 - Será possível? Olegário andou.
- 19 - Um ataque. Ela tem ataque.
- 39 - Acha que vai dizer outra vez... vai dizer que não é Olegário.
- M. - Coitado do meu querido, tem ataque.
- H. - Não, não. Vocês são vigaristas, são vigaristas, todos vigaristas.
- 19 - Para lá, olha como fala.
- H. - Vigaristas, todos. É o que são.
- 29 - Outra vez, Olegário? Outra vez maltratando os amigos?
- H. - Que amigos? Que espécie de amigos vocês são? Ah, tenho pena de vocês.
- 29 - Dispense.
- M. - Querido...
- H. - Larga de mim!
- TODOS - Oh!
- H. - Escutem. E se eu disser que não sou Olegário? Bem, bem? Que sou Diogênio, funcionário, casado, com um calo aqui? E que tenho dinheiro em todos os bolsos, muito dinheiro, dinheiro acumulado em cinco anos de adicional e só agora pago pelo Governo? Dinheiro, em que eu penso cada noite antes de dormir, cada vez que falo com minha mulher e ela não responde, porque não ouve? Se eu disser? E se disser que descobri o truque, a vigarice de vocês, que querem fazer festa e levar o dinheiro? Bem, Baul, vai bem um dinheirinho assim na moleza, não é?
- 19 - Um dinheirinho sempre vai bem.

- H. - Bom, Pastéis, o otário foi na onda direitinho não é?
- 39 - Se é otário, pau nele.
- H. - É você, Bruno, um vigarista delicado, não é?
- 29 - A gente fazemos o que podemos.
- H. - É o meu amor, o que acha disso tudo? Você é capaz de dar até muito amor em troca de pouco dinheiro, não é?
- M. - É.
- H. - Ah, tenho pena de vocês. (PAUSA).
- 29 - Então, Olegário, nada feito?
- 39 - Não é Olegário, Bruno. É um tal de Diogênio.
- 19 - Diogênio, tem um caso aí. Escova o dente depois do sanduíche.
- M. - É Diogênio, não aguento!
- 29 - Um dia veio um sujeito e disse: "Como vai, Chiquinho?". Ora, não é Chiquinho, é Diogênio.
- 19 - A patroa é surda, vai operar o ouvido. O filho quer ganhar um robô.
- 29 - É um dia ele chega pro chefe e fala: "Está tudo errado. Vamos mudar as coisas e dar funções mais dignas para mim, que tenho qualidade e ninguém sabe".
- 39 - É Diogênio, Viva Diogênio!
- TODOS - Viva! (COM DESALENTO).
- H. - Nunca! Não sou Diogênio. Claro que não. Sou Olegário.
- TODOS - Viva! (COM ANIMAÇÃO).
- H. - Nunca! Olegário também não é lá essas coisas.
- 29 - Olegário é um grande homem.

- M. - É o meu amor.
- II. - Olegário é um vigarista e mentiroso.
- 39 - Mas, Olegário, não fala mal do Olegário.
- H. - Ah está: é um mau-caráter esse Olegário. Ele se bacancia à sua maneira, mas não faz nada que realmente valha a pena. Como vocês.
- 32 - Mas o que é que vale a pena?
- 29 - Já sei: ela quer dizer que Olegário não tem moral, não se vergonha, engana os outros.
- 69 - Olegário é pecador.
- 29 - Olegário devia casar, trabalhar, votar nas eleições, decorar o Sino, pagar imposto, ser responsável pela segurança nacional, ter crédito no Mapin, comprar ações, jogar na loteria esportiva.
- 39 - Ir na missa.
- M. - Namorar a patroa sem deixar o filho var.
- 19 - Comprar um Fusca.
- 29 - Comprar um Fusca. No sábado, de tamanho a sem camisa, lavar o Fusca.
- 39 - Ver televisão.
- 49 - Dizer que os estudantes são vagabundos.
- 39 - Uma vez por ano tirar férias, ir para a praia, de papo pro ar.
- 49 - E a mulher, bronzada, vai ficar mais gostosa.
- 29 - Então Olegário namora ela, e pensa na Regina Helena.
- 19 - E, para o sogro, Olegário diz no domingo, o mundo está perdido.
- 29 - Esses cabeludos, esses moderninhos, essas mulhe-

- 29 - res que querem mandar, essa juventude do fusar, pau neles!
- 39 - Ou então Olegário vai ser operário e torcer pro São Paulo.
- 19 - Pro Corinthians.
- 29 - Ou vai ser contador, ganhar dinheiro
- 39 - Ir pras Oropas.
- 29 - Ter conta na Suíça.
- O C. COM - Doutor Olegário, caviar? crepe-suzette? stroganoff?
- M. - Meu amor tem caso com a Mariuzinha de Souza Campos Vergueiro, a Zizi. (PAUSA. ESSAS ÚLTIMAS PALAVRAS SE ATROPELARAM E AGORA TODOS ESPERAM A RESPOSTA DE H.)
- H. - É, não dá pé. Nada disso vale a pena.
- 29 - E o que é que vale?
- 19 - (SOLENE) . A gente deve acreditar em Deus.
- 39 - Fazer o bem e ganhar o paraíso.
- 49 - Razar todas as noites...
- H. - Não! Param com isso. Olhem! eu acho que alguma coisa vale a pena. Essa coisa pode ser o contrário disso tudo que vocês falaram. É um contrário tão contrário, nas tão, que talvez seja preciso, seja preciso... não sei. Mas alguma coisa deve valer a pena. (PAUSA. TODOS FICAM PENSATIVOS).
- 29 - Esse cara tá louco!
- 19 - Se esse homem continua assim, vai dizer de novo que não é o Olegário.
- H. - (CALMO). E não sou. Sou Diogênio.
- 29 - Tenha dó, Olegário.
- H. - Diogênio, meu senhor, Com um calo aqui. Amanhã te-

- 40
- H. - Não consegue a ajustar com o Alfredo, esse que saiu berrando, que minha emília é vai à forca. Vai, se vai, e como vai! Sem contar o dinheiro que hoje tanto e devia ser para a operação de patros. Por falar em Alfredo, então, a Regina Helena, hem?
- 49 - Como aporrinhou esse Diogênio!
- H. - (PEGANDO UMA FACA PONTUDA E OFERECENDO-A AO 9). Acabe com ele.
- 49 - Que é isso, seu!
- Enfie no peito de Diogênio. É um pobre-diabo liqüidado.
- 29 - Mas que história...
- H. - Quem quer matar Diogênio?
- M. - Querido...
- H. - Ricardão? Você, hem? que tal, Ricardão? (VAI ATE ELE E OFERECER A FACA). Acabe com o Diogênio pensando no Olegário. (O 69 NÃO SE MOVE). Como é? Seja homem, ou seja monstro, como quiser. Não quer? Ninguém quer?
- 29 - Olha, vamos conversar...
- H. - Então, senhores me despaço. Digam a viúva que ela é uma boa mulher; ao filho, que ele é um bom menino; ao outro filho que vai nascer, que seja igualmente bom; mas eu, Diogênio P. da Rocha, não tenho mais jeito.
- M. - Meu amor... (H. ENFIA A FACA. CAI, TODOS FICAM PARADOS UM INSTANTE).
- H. - (LEVANTANDO-SE). Muito bem. Diogênio é morto, viva Olegário.
- TODOS - Viva!
- 39 - Mas que trpque bacani. Eu vi a faca entrar.

- 29 - (À PARTE PARA O 39). Você esqueceu que Olegário é mágico também? O que é que Olegário não é?
- H. - E não tomamos nada? O uísque, quero uísque. Tenho sede e muita fome. Sou um homem de grandes apetites. (AMPACA M)
- M. - Você terá toda a comida que quiser.
- 39 - (ABRINDO GARRAFAS) - E as bebidas.
- H. - Levas uma para o Ricardão. Ou melhor, por que ele não vem? É festa, que diabo!
- 29 - Ah! Isso não vale. Não adianta. Pra Ricardão nunca é festa.
- H. - Levas este copo. (ENCHE O COPO). Ricardão; um dia eu lhe ofereci um copo, lamento isso. Mando-lhe outro, é uísque. (O 19 LEVA). Bom proveito. Pois, senhores, aqui estamos. É festa. (LEVANTA O COPO, TODOS LEVANTAM). À saúde.
- TODOS - Saúde!
- H. - Humm, é agradável voltar.
- 29 - Então Olegário deixou uma mulher em Portugal, outra na África, e era inglesa. Quem sabe uma na França...
- H. - Na França, talvez...
- 39 - Ah! Conta. Conta esse.
- TODOS - Conta.
- 49 - E as polacas, como são? Dizem que as polacas são ótimas.
- H. - As polacas não são mais aquelas, agora são polonesas.
- 39 - Poxa, eu ia mesmo perguntar onde fica a Polónia.
- H. - (SUBITAMENTE DESANIMADO). Ai está meus senhores, faço o que posso, mas não se encontro.

- 29 - Como assim?
- 19 - Nossa, aquela história de novo?
- H. - Pense: sim, mulher em Portugal, mulher na África, Olegário grande sujeito, Olegário fala, vocês aplaudem. Uma mulher morre de amor por Olegário. Ótimos amigos, coisas e tal. E no entanto Olegário continua um homemzinho inútil. Olegário é valente?
- 39 - Pomba se é.
- H. - E que faz Olegário de sua valentia? Faz monstros, como Ricardão? Olegário é livre?
- 29 - É livre.
- H. - Isso é bom, muito bom. Mas não basta. Uma é que vocês fazem com a liberdade?
- 39 - A gente se diverte.
- H. - E, a gente se diverte. (MOMENTO DE FOLIA). Meu senhores, a inglesa era uma lady.
- 49 - Uma lady?
- 19 - Que coisa é lady?
- H. - Lady, uma mulher nobre, fina, passional.
- M. - Eu queria tanto ser uma lady...
- H. - Pois é: uma lady. Eh, apenas Olegário, cheio de boa vontade mas inútil. Por exemplo: o mundo tem feridas na cara, e contra elas não posso nada. Me diga, Bruno, você que é mais dado a pensar nas coisas: eu porso? As feridas na cara do mundo Bruno.
- 29 - Não sei dessas feridas. Mas certamente a gente não tem nada que ver com elas.
- H. - Aí que está. Se eu fosse aquele Dicoyênio, também não teria, ia me arrastando, fariam de mim o que quisessem. Mas as paredes do mundo me dizem res-

- 11 - Beito, porque afinal eu sou Olegário. Ora veja: se continuo a contar mentiras sobre as coisas e as coisas na África, será um Olegário cheio de fantasias idiotas, como aquela história que um dia diria ao chefe: as coisas precisam mudar.
- 19 - Não entendi.
- M. - Gente, é minha vez de fazer discurso. Olhem, eu queria sempre o meu Olegário de volta, era só o que eu queria: o meu Olegário. Ele voltou um pouquinho mudado, é quase outro Olegário. Mas, gente, eu gosto ainda mais desta outro Olegário, oh! meu amor.
- 29 - Bem, se é assim, também é certo falção. Nós todos respeitamos este Olegário, como não? Quem sabe, ainda mais que o outro.
- H. - Então lhes agradeço. Agora, uma pequena contribuição para curar as feridas na casa do mundo. (VAI ATÉ O 59 E COMEÇA A DESFILHAR NA MESA DELE O DINHEIRO QUE TIRA DOS BOLSOS). Ricardão, olha aí, com isso você conserta a fachada e volta a ser o menino bonito de antes. Que tal?
- 69 - Não quero
- H. - Pega.
- 39 - Madre pia, quanto dinheiro!
- H. - Fico com uma parte pra pagar a festa. Mas, você tem muito aí, Ricardão, vai consertar o furinho.
- M. - É o meu amor, o meu amor!
- 29 - É Olegário, o grande Olegário! Amanhã não vai ter com que comer, mas hoje dá tudo a um inimigo.
- M. - Como te amo!
- 29 - Como te admiro
- 69 - (DESCOBRINDO O BOSTO COM UMA CECETRI: QUE VAI DESPALENDO ENQUANTO FALA). Senhores, o resto das

o cavaleiro se desceu. Pa' agora ir lá e dizer: "Seu Olegário, agradeço, mas quero fazer uma proposta. Este dinheiro podia cair em outra família, e da patota do falecido Diogênio da Rocha, que precisa operar o ouvido. O senhor Figueira com o dinheiro e leva amanhã para a viúva, coitada. Quanto às despesas de festa, os seus companheiros pagam, e assim o senhor leva esta bolada doceirinha". Desse modo responde com nobreza ao gesto tão nobre do grande Olegário. Mas não vou fazer nada disso. Vou enrolar o dinheiro, com vãos, e cair fora. A viúva, coitada, continuará surda, sem ouvir o filho que vai nascer, e o filho não ganha seu robô. É uma história triste? Deve ser: até morrem um aqui. Mas, se vocês choram com coisas assim e queren consolar-se, eis uma boa notícia: o que morreu vai ressuscitar. Ele ressuscita e volta pra casa. Eh, eh, antes que ressuscite, vou tratando de dar o fora. Boa noite. (ESCONDE A CARRA E SAI. VOLTA A ILUMINAÇÃO E A ANIMAÇÃO DA PESTE).

H. - Como tá dizendo, é preciso procurar, procurar. Se for preciso, procurando, levar um tiro na cara que fazer? ou lavar, porque sou Olegário.

M. - Não fala assim, dá azar.

H. - Fique tranquila: o momento que passa é alegre, e só ele importa. (BEEB). É uma doce embriaguez...

19 - (BEEB). Amanhã há uma ressaca: uma ressaca!

TOCOS - Vamos beber! Viva Olegário! Viva!

H. - Como eu te amo! Como te amo! (OS DOIS SE DEIJAM SOB APLAUSOS)

VOZ DO 59 - Esse aí é o Diogênio, passoa! Diogênio, você não paga. É o Diogênio, que escova os dentes depois do sanduiche.